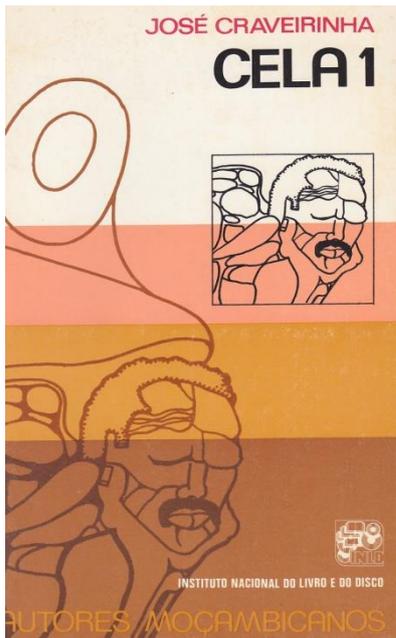


Cela 1, de José Craveirinha

Ana T. Rocha



José Craveirinha, nome importantíssimo para a literatura moçambicana, foi um poeta impar na história da literatura do país e um homem engajado na luta contra o colonialismo. Juntamente com a poeta Noémia de Sousa, abriram ambos espaço para a poesia moderna moçambicana.

Cela 1 e *Poemas da prisão* são dois livros onde podemos ter acesso ao material literário que Craveirinha produziu enquanto recluso. Foi o seu empenho na luta pela independência que o levou a conhecer a prisão e, também, o Hospital Psiquiátrico do Infulene, onde, por influência do seu advogado, pôde passar a parte final da pena.

Segundo Fátima Mendonça (autora do prefácio ao *Poemas da prisão*), o poeta manteve consigo, na cadeia, um diário que compôs de poemas, pequenos textos e citações. Graças ao advogado do escritor, sabemos que o poeta escreveu também bilhetes que trocava com o seu camarada escritor e companheiro de cárcere Luís Bernardo Honwana. Os dois livros supracitados são as únicas ferramentas de acesso ao diário da prisão de Craveirinha.

São livros, portanto, com uma carga testemunhal importante para o nosso conhecimento acerca do tempo colonial e sua autoridade, suas prisões e métodos.

Os poemas reflectem a aspereza das condições do cárcere, as saudades de Maria (sua esposa) e o desprezo pelo usurpador da liberdade e dos direitos, denunciando os seus abusos, como no poema “Interrogatório”. De igual modo, o livro deixa transparecer o processo de auto-preservação que conduz o poeta para si mesmo, a fim de manter as suas qualidades morais ilesas, não se deixando corromper pela hostilidade, nem sucumbir ao ódio: “Assim não te odeio/ Porque se me chamas negro/ encolho os meus elásticos ombros/ e com pena de ti sorrio”.

É esta última característica que fecha o livro num belo poema dedicado a Maria, no qual o poeta insiste na necessidade de mais amor enquanto antídoto e método para confrontar uma situação que, facilmente, o poderia fazer enveredar por sentimentos antónimos: “Minha mais querida./ Mais do que nunca/ é necessário/ amar./ Mas amar bem/ Amar muito/ Amar sempre mais (...) amar sempre mais do que a raiva/ mil vezes raivosa de quem na prisão/ nos odeia!”.